

A TECNOLOGIA DIGITAL COMO FERRAMENTA NA SENSIBILIZAÇÃO PARA A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Autora: Bárbara Daniela de Oliveira Deckert Bencke

Orientadora: Prof.^a Dra. Vanessa Oechsler

Resumo

Este texto teve origem a partir de uma pesquisa que propôs a utilização das tecnologias digitais na biblioteca escolar como ferramenta para atrair os estudantes e estimular o gosto pela leitura. Numa sociedade cada vez mais conectada, sentiu-se a necessidade de aliar o interesse e o conhecimento dos alunos por tecnologias digitais à sensibilização para a leitura. Por meio de uma revisão de literatura, buscou-se conhecimento sobre a utilização das tecnologias digitais na Educação, para então aplicá-lo na oferta de literatura na biblioteca escolar. O trabalho é uma pesquisa-ação quanto aos procedimentos, pois elaborou e aplicou atividades de promoção à leitura junto aos alunos, com base nas informações trazidas por eles, como dispositivos tecnológicos e conteúdos acessados por eles. As atividades foram elaboradas a partir do diálogo com a professora regente e com os estudantes, buscando ir ao encontro dos interesses da turma. As principais atividades foram: produção de vídeos, jogo de realidade aumentada e rotação por estações. Dessa forma, apresentou-se a literatura a partir dos multiletramentos, visando formar leitores competentes, capazes de transitar pelos diferentes gêneros textuais e suportes que o avanço tecnológico traz. A pesquisa foi realizada em uma escola do município de Gaspar-SC, com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental. As atividades envolveram os alunos, proporcionaram o acesso de todos a tecnologia digital, integraram a biblioteca a outros espaços, estimularam o trabalho em grupo, colocando os estudantes como protagonistas da sua formação leitora e produtores de conteúdo para socializar com a comunidade escolar.

Palavras-Chave: Biblioteca Escolar. Tecnologias digitais. Incentivo à leitura.

1 INTRODUÇÃO

A leitura é muito importante para quem a pratica. De acordo com Coelho (2000), o hábito da leitura estimula o exercício da mente, a consciência do Eu em relação ao outro, a leitura do mundo, o conhecimento da língua, entre outros. Despertar nas crianças o gosto pela leitura é um trabalho contínuo que exige dedicação e

criatividade, sendo uma das principais razões da presença da biblioteca na escola.

A biblioteca escolar precisa ser percebida como um ambiente de formação de leitores e pesquisadores, e os profissionais que nela atuam devem criar em torno das ações de leitura e pesquisa um clima de liberdade e ludicidade [...] (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2009, p. 206).

O trabalho apresentado nesse artigo foi desenvolvido na Sala de Leitura Semear Leitores, da Escola de Educação Básica Professora Angélica de Souza Costa, no município de Gaspar-SC. A escolha dessa instituição de ensino e dessa Sala de Leitura se deu por ser o local onde a autora da pesquisa atua como agente de biblioteca. Nesse espaço, ações que buscam incentivar o hábito da leitura entre os alunos são desenvolvidas, como empréstimos semanais de obras literárias, leituras, contações de histórias, dinâmicas com temáticas literárias, oficinas, entre outras. Nesse contato com os alunos, foi possível perceber o interesse deles por livros relacionados a tecnologias digitais, como as obras inspiradas em personagens de videogames ou escritas por influenciadores digitais.

A inserção dos jovens nos espaços digitais os põe em contato com gêneros textuais próprios desses ambientes e com novas práticas de letramento. “A popularização do uso de dispositivos móveis para acesso à internet e para a comunicação instantânea, sem dúvida, revolucionou as formas de interação e do uso do tempo, especialmente pelos jovens.” (FAILLA, 2016, p.37). Devido aos avanços tecnológicos das últimas décadas, tornou-se muito comum o uso de dispositivos tecnológicos por pessoas de todas as idades, e as crianças desde muito jovens têm contato com eles. O acesso à rede mundial de computadores os põe em contato com um volume enorme de informações e linguagens nesses espaços. Para interpretá-las e fazer uso desses conhecimentos, é necessário a escola também se responsabilizar pelo letramento digital de seus alunos.

É preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas. Se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de texto exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. (ROJO, 2013, p.7).

Para o hábito da leitura acompanhar esses avanços, faz-se necessário associar as tecnologias digitais à biblioteca escolar. A partir da observação do interesse dos alunos por conteúdos advindos dos meios digitais, a pesquisa se originou. Assim, aliou-se o interesse e o conhecimento dos alunos por tecnologias digitais às atividades da biblioteca, construindo junto a eles estratégias atraentes para despertar o gosto pela leitura.

[...] uma das perguntas mais freqüentes [sic] que se ouve é: Haverá lugar para a literatura infantil (ou para a literatura em geral) nesse mundo da informática que nos invadiu com força total? Estamos com aqueles que dizem: Sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em

transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas, e até apocalípticos, acerca do futuro do livro (ou melhor, da literatura), nesta nossa era da imagem e da comunicação instantânea, a verdade é que a *palavra literária escrita* está mais viva do que nunca. (COELHO, 2000, p.15).

Ao aliar dispositivos tecnológicos às atividades de sensibilização à leitura na biblioteca escolar, é possível ampliar e diversificar as opções de oferta de literatura aos alunos, associando-a a vídeos, jogos, aplicativos e outras linguagens recorrentes no meio digital, tão familiar a eles. Essa associação visou tornar a literatura ainda mais interessante e significativa, indo ao encontro das linguagens presentes no dia a dia desses alunos.

Esse trabalho tem como objetivo geral aliar as tecnologias digitais como ferramentas na formação do leitor na Sala de Leitura Semear Leitores. Como objetivos específicos, destacam-se: a) Identificar quais são os dispositivos tecnológicos que os alunos já utilizam e com qual finalidade (preferências); b) Pesquisar as ferramentas tecnológicas já disponíveis que podem enriquecer a oferta da literatura aos alunos; c) Desenvolver, a partir do levantamento destas informações, dinâmicas que envolvam tecnologia e a participação dos alunos.

A partir dessas inquietações, fez-se uma pesquisa bibliográfica sobre a utilização da tecnologia na educação, trazendo os conhecimentos ali levantados para a biblioteca escolar, a fim de ampliar o repertório de oferta de literatura aos alunos. Neste trabalho foram elaboradas atividades aliando as tecnologias digitais à prática da leitura. Na próxima seção serão apresentados os fundamentos que o embasaram.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para acompanhar a cultura digital que se propagou pela sociedade nas últimas décadas, várias iniciativas vêm sendo adotadas no sentido de incluir as tecnologias digitais também no cotidiano da escola. A inserção das tecnologias digitais na educação caminha lado a lado com as políticas públicas. “Isso porque, as políticas públicas geralmente fazem parte do cenário de pesquisas educacionais, ou exercem influência sobre elas, fomentando discussões a respeito de suas concepções e implementação.” (BORBA; LACERDA, 2015, p. 491). Baseados na necessidade de trazer a escola para o contexto tecnológico, a partir da década de 1990 já se encontram documentos oficiais recomendando o uso das tecnologias digitais na escola, “por serem consideradas ferramentas que viabilizam a criação de espaços mais significativos de aprendizagem”.

(MAIA; BARRETO, 2012, p. 47).

Isso fica evidente na introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 67), onde menciona-se:

[...]a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras.

Nesse sentido, muitos projetos foram criados, como: o EDUCOM (COMputadores na EDUcação), voltado a estudos sobre informática educativa; o FORMAR, voltado para a formação dos professores para o contexto tecnológico; e o PROINFE (Programa Nacional de Informática Educativa), que tornou possível a criação de laboratórios de informática em várias escolas públicas do país (BORBA; LACERDA, 2015). Como exemplo mais recente, pode-se citar a Lei Nº 12.249, de 10 de junho de 2010, que instituiu o Regime Especial de Aquisição de Computadores para Uso Educacional (RECOMPE), possibilitando o acesso a computadores e outros dispositivos tecnológicos a muitos estudantes. Essas são algumas das iniciativas governamentais com o objetivo de implementar a tecnologia digital na escola. Embora a escola ainda esbarre em problemas estruturais, não se pode negar que houve muitas melhorias. “Há que se reconhecer que a escola vem envidando esforços para adequar-se ao novo contexto tecnológico em que está inserida a sociedade do conhecimento”. (MAIA; BARRETO, 2012, p. 57).

A inclusão dessas tecnologias na escola impacta diretamente a prática pedagógica e, ao incluí-las em sua ação docente, o professor pode tornar ainda mais significativo o conhecimento a ser construído junto aos alunos. Em se tratando dos anos iniciais do Ensino Fundamental, fase da educação básica em que ocorre a alfabetização e o letramento, a utilização das tecnologias digitais trouxe mudanças também a esse processo de aprendizagem.

Nas palavras de Pereira (2014 *apud* AGUIAR *et al*, 2017 p. 3), letramento é “algo além de somente decodificar letras e signos, pois o letramento pressupõe senso crítico e autonomia diante do mundo e de suas práticas sociais, sabendo sobretudo interpretar a realidade discursiva em que está inserido.” Logo, o ensino da leitura e da escrita não está ancorado apenas no conhecimento do sistema ortográfico (alfabetização), mas também na competência para usar a leitura e a escrita nas práticas sociais (letramento). Esta competência sofre transformações com o advento das tecnologias digitais, assim “observou-se que seria possível falar não somente em letramento, mas em letramentos, uma vez que vários desdobramentos poderiam ser possíveis, no que se refere às práticas sociais da linguagem.” (AGUIAR *et al*, 2017, p. 3) E na atual sociedade, um número cada

vez maior de pessoas têm acesso a dispositivos tecnológicos e à *internet*. Isso trouxe grande impacto nas formas de comunicação vigentes, e nesse cenário emergiu a necessidade da proposição de novos letramentos a fim de interpretar as práticas de leitura e escrita advindas do meio digital.

Essas novas exigências que o mundo contemporâneo coloca para a escola, portanto, vão multiplicar enormemente as práticas letradas e os textos de diversos gêneros que nela devem circular e ser abordadas(os). O letramento escolar tal como o conhecemos, voltado principalmente para as práticas de leitura e escrita de textos em gêneros escolares (anotações, resumos, resenhas, ensaios, dissertações, descrições, narrações e relatos, exercícios, instruções, questionários, dentre outros) e para alguns poucos gêneros escolarizados advindos de outras esferas (literária, jornalística, publicitária) não será suficiente [...] Será necessário ampliar e democratizar tanto as práticas e eventos de letramento que têm lugar na escola como o universo de textos e gêneros que nela circulam. (ROJO, 2008, p. 586)

Essa realidade, com novas e múltiplas formas de se comunicar, deve ser contemplada pela escola. A formação de leitores e o ensino da leitura e da escrita não podem mais estar focados apenas nas mídias impressas.

As escolas precisam preparar os alunos também para o letramento digital, com competências e formas de pensar adicionais ao que antes era previsto para o impresso. Sendo assim, o desafio que precisamos enfrentar é o de incorporar ao ensino da leitura tanto os textos de diferentes mídias (jornais impressos e digitais, formulários *online*, vídeos, músicas, *sites*, *blogs* e tantos outros) quanto formas de lidar com eles. (ZACHARIAS, 2016, p. 17).

Para o desafio do ensino da linguagem na perspectiva da sociedade atual, onde a multiplicidade de linguagens faz-se presente, surgiu a necessidade de um novo conceito: o dos multiletramentos, “em que o prefixo ‘multi’ aponta para duas direções: multiplicidade de linguagens e mídias nos textos contemporâneos e multiculturalidade e diversidade cultural” (AGUIAR *et al*, 2017, p. 4). Segundo Rojo (2010, p. 29 *apud* AGUIAR *et al*, 2017, p. 4):

[...] os multiletramentos, exigem um tipo diverso de pedagogia, em que a linguagem verbal e outros modos de significar são vistos como recursos representacionais dinâmicos que são constantemente recriados por seus usuários, quando atuam visando atingir variados propósitos culturais.

A biblioteca escolar também tem o seu papel nesta pedagogia dos multiletramentos, buscando ampliar o conhecimento dos alunos sobre os meios e formatos em que a leitura é ofertada. Assim, “a criança pode descobrir que a literatura é veiculada em diferentes suportes textuais, construídos à medida que a sociedade amplia suas potencialidades tecnológicas.” (GREGORIN FILHO, 2009, p. 83). Nessa perspectiva, a biblioteca também precisa discutir e se apropriar das inúmeras possibilidades que a tecnologia digital oferece (COSCARELLI, 2016).

Nas últimas décadas, grandes transformações ocorreram nas formas de apresentação dos recursos informacionais, exigindo novas competências de quem

pretende fazer uso deles. “Os saberes elaborados socialmente estão registrados em materiais diversos, que vão desde os tradicionais textos impressos, passando pelos recursos audiovisuais, até as informações virtualmente dispostas.” (KUHLETHAU, 2009, p. 9). Cabe à biblioteca escolar disponibilizar esses recursos informacionais e também instrumentalizar seus alunos para os acessarem. Um dos objetivos gerais do Ensino Fundamental previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 69) é que o aluno seja capaz de “utilizar fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos”. Diante desse novo paradigma tecnológico, inegavelmente o papel da biblioteca escolar vem se transformando. Fonsêca *et al* (2018, p. 9) contribui ao afirmar que:

As bibliotecas não podem mais representar apenas espaços estáticos e silenciosos em que a pesquisa e a leitura são as atividades reinantes. Concomitantemente, a tecnologia está ao alcance das mãos e com alunos cada vez mais conectados e interagindo com o mundo, este ambiente precisa de certa mobilidade e características que venham atrair crianças e jovens para o mundo das letras.

A presença da tecnologia digital na escola influencia a formação do leitor, processo ligado também à biblioteca escolar. Segundo Pereira (2009, p. 7):

A formação de leitores autônomos envolve uma série de habilidades e competências que devem ser desenvolvidas ao longo dos anos na e pela escola. Ler é apreciar, inferir, antecipar concluir, concordar, discordar, perceber as diferentes possibilidades de uma mesma leitura, é estabelecer relações entre diferentes experiências – inclusive de leitura. Por tudo isso, ler é, antes de tudo, um direito.

A transformação das formas de comunicação pelo uso de dispositivos tecnológicos aumenta a responsabilidade da escola em formar leitores competentes, capazes de assimilá-las e lidar com as mesmas nos diferentes formatos em que se apresentam.

O que entendemos disso é que ler bem é uma competência transferível de dispositivos de leitura. Em outras palavras: um bom computador não é mais esperto do que um bom leitor. Ou ainda: um bom leitor lê bem textos em qualquer dispositivo. O desenvolvimento de habilidades para ler prescinde o suporte, em larga medida. (RIBEIRO, 2016, p. 34)

No espaço da biblioteca escolar é onde acontece o contato dos alunos com o acervo da escola e onde se desenvolvem práticas que visam a promoção e o incentivo à leitura, como dinâmicas com temáticas literárias, leituras compartilhadas, entre outras.

Esses espaços podem ser comparados com o “coração” de uma instituição educativa, se pensarmos que na sala de leitura ou na biblioteca estão livros e recursos para promover conhecimento sobre as mais diversas áreas. Se olharmos como um local dinâmico, onde podemos conversar sobre o que foi lido, indicar leituras, apresentar novos e antigos escritores, pesquisar, ouvir leituras em voz alta, declamações e histórias, divulgar as manifestações culturais da região, ela se torna um organismo vivo, que pulsa dentro da escola. É com este olhar que a sala de leitura ou biblioteca cumprirá o seu papel. (FONSECA, 2012, p. 107).

Com a presença da tecnologia digital, as práticas de incentivo à leitura podem ser

diversificadas e ampliadas, possibilitando maior interatividade aos alunos, leitura a partir de diferentes suportes e produção de conteúdo. Amante (2007, p. 53 *apud* GOMES, 2016, p. 154) ressalta “a importância de as crianças utilizarem as tecnologias para desenvolverem a sua aprendizagem na área da leitura e da escrita de uma forma mais global e significativa [...]”. Portanto, aliar a tecnologia digital às atividades desenvolvidas na biblioteca escolar pode torná-las ainda mais expressivas.

Ao considerar que as crianças, na maior parte das vezes, são inseridas nesse universo tecnológico ainda antes de ingressar na educação formal, por meio de brinquedos eletrônicos, jogos e uso de tecnologias digitais, quando chegam à escola já possuem certa bagagem de conhecimento tecnológico. “As crianças de hoje nascem na era digital, portanto, não temem os botões, as luzes, as cores, os movimentos e as novidades. Simplesmente se apropriam destas máquinas tão logo os adultos lhes permitam o acesso.” (GOMES, 2016, p. 148). Ao incluir a tecnologia digital como ferramenta na sensibilização para a leitura, considera-se que essa familiaridade dos alunos com os dispositivos tecnológicos contribuirá para sua formação leitora. Como menciona Coscarelli (2016, p. 13), “Se aprende melhor o que se aprende com alegria, com envolvimento e motivação.”. Logo, inserir nas práticas escolares as mídias com as quais os alunos lidam com fluência e familiaridade e permitir-lhes utilizá-las na produção de conhecimento, torna a aprendizagem muito mais rica e significativa.

Em vez de impedir/disciplinar o uso do internetês na internet (e fora dela), posso investigar por que e como esse modo de se expressar por escrito funciona. Em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia. (ROJO; MOURA, 2012, p. 27).

Em lugar de disputar atenção do aluno com os dispositivos digitais, pode-se inseri-los no contexto escolar, propondo nos planejamentos tais aparatos como aliados nas mais diversas aprendizagens, ampliando as possibilidades de ensino. As tecnologias digitais também somam nas atividades de incentivo à leitura, auxiliando na construção de uma imagem positiva da biblioteca escolar e, conseqüentemente, aumentando o interesse pela leitura, apresentada sob novas formas.

3 METODOLOGIA

A pesquisa apresentada nesse artigo ocorreu na Sala de Leitura da Escola de Educação Básica Professora Angélica de Souza Costa, na cidade de Gaspar-SC. A Sala de Leitura recebe semanalmente nove turmas, do Pré-escolar ao 5º ano do Ensino Fundamental. Nessas visitas são realizados empréstimos de livros aos estudantes, que os

selecionam de acordo com seus interesses. O prazo de empréstimo é de uma semana, com possibilidade de renovação. O grupo participante da pesquisa é composto pelos alunos da turma matutina do 4º ano do Ensino Fundamental, totalizando dezoito alunos entre nove e dez anos de idade. A escolha da turma deu-se após conversa com a professora regente, que indicou esse grupo por ser composto por crianças com bastante interesse em tecnologia e mídias digitais e com acesso a dispositivos tecnológicos.

A pergunta que esse trabalho buscou responder foi: como ampliar as possibilidades de trabalhos de incentivo à leitura na biblioteca escolar utilizando as tecnologias digitais como ferramenta para atrair os estudantes e despertar o gosto pela leitura? Para respondê-la, realizou-se uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, originando o presente artigo. De acordo com Thiollent (1988 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 74):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concedida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Para iniciar a pesquisa, procurou-se saber quais são os dispositivos digitais presentes no cotidiano dos alunos e quais os conteúdos que costumam acessar a partir deles. Cogitou-se inicialmente a aplicação de um questionário por escrito, mas, por se tratarem de crianças bem jovens, existia a possibilidade de que um número grande de alunos não o responder, por esquecimento ou mesmo por incompreensão. Optou-se, então, pela técnica do grupo focal como instrumento de coleta de dados. Nas palavras de Powell e Single (1996, p. 449 *apud* GATTI, 2012, p. 7), grupo focal “é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir da sua experiência pessoal.”.

A conversa com o grupo deu-se no dia 17 de setembro de 2019. Sentados em roda (Figura 1), os alunos relataram qual o papel da tecnologia digital no seu cotidiano, relatando quais são os dispositivos de sua preferência e os conteúdos que acessam a partir deles. A autora do trabalho atuou como moderadora do grupo focal. O registro das interações do grupo foi feito por meio de gravação de áudio, anotações e atividade escrita pelos alunos. Nesta última, o aluno poderia escrever ou desenhar quais conteúdos acessa a partir de cada dispositivo, representados por imagens (Apêndice A).

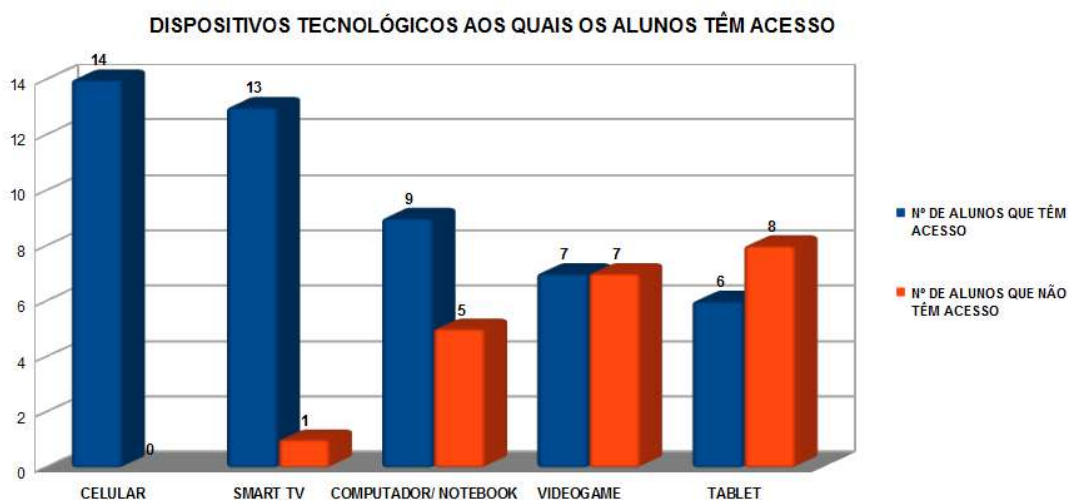
Figura 1- Grupo focal realizado para identificar os dispositivos utilizados e os conteúdos acessados pelos alunos. E.E.B. Profª Angélica de Souza Costa. 2019



Fonte: A autora (2019).

Os aparelhos mais citados pelos alunos foram celular e *smart TV* (Gráfico 1), e os conteúdos mais acessados a partir deles são vídeos do Youtube, jogos, redes sociais e séries e filmes disponíveis no serviço de *streaming* Netflix. O relato de experiência do grupo focal foi apresentado no III Seminário de Práticas Pedagógicas, no IFSC Campus de Gaspar, SC (BENCKE, 2019).

Gráfico 1- Dispositivos tecnológicos aos quais os alunos tem acesso. E.E.B. ProfªAngélica de Souza Costa. 2019



Fonte: A autora (2019).

A partir das informações trazidas pelos estudantes, iniciou-se a elaboração das atividades. No entanto, o trabalho na biblioteca escolar não acontece isolado do projeto pedagógico da escola (KUHLLTHAU, 2009, p. 19). As habilidades aprimoradas nesse espaço, como a leitura e a escrita, ampliam o conhecimento e auxiliam os alunos a alcançar outros objetivos de aprendizagem, de modo que o trabalho na biblioteca está ligado à proposta curricular da escola. Assim, o diálogo e a troca entre os professores e o profissional da biblioteca fazem-se necessários. Como explica Kuhlthau (2009, p. 19): “A integração do programa da biblioteca com as atividades de sala de aula requer um planejamento conjunto, envolvendo o bibliotecário [agente de biblioteca, nesse caso] e os professores.”. Em conversa com a professora Eliane Bringhenti, regente da turma, decidiu-se que as atividades da pesquisa girariam em torno de um tema explorado com os alunos desde o início do ano: a obra do autor infantojuvenil Monteiro Lobato. Foram

elaboradas três atividades: produção de vídeos, realidade aumentada e rotação por estações. A estrutura deste trabalho possibilita sua aplicação em diferentes contextos, tendo o que Rojo e Moura chamam de “estrutura flexível e vazada” (2012, p. 8). Como o objetivo geral do trabalho é aliar as tecnologias digitais como ferramentas na formação do leitor, essas mesmas ferramentas podem ser utilizadas com assuntos diferentes do proposto aqui, caracterizando o trabalho como um protótipo, permitindo modificações por quem desejar reproduzi-lo dentro de outros contextos. Na próxima seção serão apresentadas as atividades desenvolvidas e seus resultados.

4 AS ATIVIDADES: aplicação e discussões

Todos os anos, no mês de novembro, ocorre o movimento literário da escola, e o tema do evento em 2019 foi “Um dia no sítio”, de modo que as atividades expostas nessa mostra deveriam girar em torno de Monteiro Lobato e seus personagens. Acordou-se com os alunos que a primeira atividade realizada dentro da pesquisa seria a produção de vídeos de contação de histórias escritas por Monteiro Lobato, e que esta seria também a contribuição da turma para o Movimento Literário.

Para isso, foi necessário pesquisar e fazer a leitura de diversas histórias do autor para selecionar as que seriam lidas nos vídeos, formar os grupos de alunos, treinar a leitura até que ficasse fluente e agradável, treinar a entonação de voz e expressão corporal e, finalmente, gravar e editar os vídeos. Esse processo foi demorado, principalmente os ensaios, e estendeu-se de setembro até novembro. A ajuda da professora regente nessa atividade foi imprescindível, pois foi necessário bastante ensaio e leitura, ultrapassando o tempo que tínhamos na biblioteca. Por isso os ensaios dos alunos dividiram-se entre a agente de biblioteca e a professora regente. Quando uma não estava disponível, a outra incumbia-se da prática da leitura com os alunos.

A professora regente e os alunos foram os responsáveis pela escolha das histórias. Os textos selecionados foram capítulos do livro *Fábulas* (LOBATO, 2010), publicado originalmente em 1921, e do livro *Memórias de Emília* (LOBATO, 2009), publicado originalmente em 1936. Por se tratarem de textos escritos há mais de oitenta anos, apresentam uma linguagem mais formal e várias expressões incomuns atualmente. Apesar da maioria dos estudantes não apresentar dificuldade na leitura, surgiram dúvidas quanto à pronúncia de algumas palavras, cujo significado os alunos ignoravam. Durante os ensaios na biblioteca, listaram-se as palavras desconhecidas aos estudantes, buscando seu significado em dicionários *online* como o Michaelis, por exemplo,

explorando assim fontes de informações confiáveis disponíveis na *internet*. Mediar o acesso dos alunos a conteúdos de qualidade torna-os conscientes da responsabilidade de buscar fontes de informação seguras, impactando a relação do sujeito com a informação. Quando as dúvidas já haviam sido esclarecidas e os textos estavam devidamente ensaiados, iniciou-se a produção dos vídeos.

As histórias foram gravadas em pequenos grupos na Sala de Leitura, utilizando como cenário as estantes de livros decoradas com personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo produzidos pelos próprios alunos. A agente de biblioteca ficou encarregada pela filmagem e edição dos vídeos. Essas contações de histórias em vídeo foram apresentadas no V Movimento Literário da E.E.B. Prof^a Angélica de Souza Costa (Figura 2), que correu na escola nos dias 13 e 14 de novembro de 2019, e estão atualmente disponíveis no canal de YouTube da escola. Observa-se, no processo de produção de vídeos, mais do que apenas a decodificação de letras e signos (AGUIAR *et al*, 2017). Os alunos mobilizaram outras habilidades além da leitura e escrita, como a leitura como contação de história, que leva em conta não apenas as palavras, mas sua entonação, dando sentido ao que é narrado; sua postura em frente às câmeras, entre outras habilidades do letramento digital (AGUIAR *et al*, 2017; ZACHARIAS, 2016)

Figura 2- Mostra de vídeos no Movimento Literário da Escola. 2019.



Fonte: A autora (2019).

No mesmo período em que os alunos do quarto ano matutino ensaiavam e produziam os vídeos para o Movimento Literário, as turmas da escola foram desafiadas pela coordenação pedagógica a produzirem trabalhos para expor do I Festival de Emílias, evento realizado no município nos dias 06 e 07 de novembro de 2019, reunindo trabalhos das escolas e centros de desenvolvimento infantil que compõe a rede de educação da cidade. O evento foi promovido pelas Secretarias de Educação e Cultura do município de Gaspar. Assim surgiu a segunda atividade do projeto: um jogo de perguntas e respostas sobre a boneca Emília, utilizando um aplicativo de realidade aumentada.

Para colocar a atividade em prática, foram selecionados dois alunos, que já estavam adiantados nos ensaios para a primeira atividade, para se dedicar a pesquisa de curiosidades sobre a vida da boneca Emília. A agente de biblioteca disponibilizou para os alunos o livro *Emília: uma biografia não autorizada* da Marquesa de Rabicó (2014), onde a

autora Socorro Acioli faz um apanhado de vários fatos e curiosidades sobre Emília revelados no decorrer da obra de Monteiro Lobato. Os alunos fizeram a pesquisa, após cada um deles tomar o livro emprestado por uma semana, trazendo posteriormente as anotações das curiosidades que julgaram interessantes para o *quiz* sobre a boneca.

Baseada nessas anotações, a agente de biblioteca montou o jogo de perguntas e respostas sobre a personagem utilizando o aplicativo de realidade aumentada *HP Reveal*. Esse aplicativo permite que uma imagem, vídeo ou GIF seja revelado a partir de uma imagem-gatilho. Tanto a imagem-gatilho quanto o conteúdo a ser revelado podem ser editados pelo usuário. Assim, ao apontar a câmera do celular para a imagem-gatilho previamente configurada, se revelará a segunda imagem, até então oculta. No caso do *quiz* nomeado “Você conhece a Marquesa de Rabicó?”, as perguntas foram digitadas e impressas com a imagem de uma das representações de Emília feita ao longo dos anos, tanto em ilustrações de livros quanto em adaptações para televisão. As respostas, no entanto, só eram reveladas ao apontar a câmera do celular para as respectivas fotos da Emília anexadas em cada pergunta. As fotos não se repetiam.

Os alunos responsáveis pela pesquisa das perguntas também foram incumbidos de apresentar as regras do jogo aos visitantes do Festival e mediar sua participação no *quiz*. Para isso, foram necessários alguns ensaios a fim que as crianças jogassem e compreendessem o funcionamento do jogo e do aplicativo. Com a utilização do *smartphone*, multiplicou-se a prática letrada (ROJO, 2008), que partiu do suporte impresso no qual os alunos fizeram as pesquisas, estendendo-se a outras linguagens, como a visual e a dos jogos (ZACHARIAS, 2016). Segundo Coscarelli (2016), os jogos aliam prazer a aprendizagem e desenvolvem uma série de competências, como a memória, a criatividade, o raciocínio lógico e a solução de problemas, por exemplo. A utilização da tecnologia transformou as informações disponibilizadas no *quiz* em uma narrativa digital, tornando o conteúdo interativo e atraente. (FONSÊCA *et al*, 2018).

No evento as crianças abordaram os visitantes, convidando-os a participar do jogo e explicando seu funcionamento (Figura 3). A experiência de expor o trabalho no evento auxiliou o desenvolvimento da autonomia dos alunos e o domínio da leitura em suportes diversos, o que segundo Ribeiro (2016) é uma das competências esperadas de um bom leitor. As pessoas que aceitaram responder as perguntas concorreram ao livro *O Saci*, de Monteiro Lobato, sorteado posteriormente, na escola. O jogo foi apresentado mais uma vez na semana seguinte, durante o Movimento Literário da escola (Figura 4).

Figura 3- Jogo de realidade aumentada exposto no Festival de Emílias. 2019.



Fonte: A autora (2019).

Figura 4- Jogo de realidade aumentada exposto no Movimento Literário da Escola. 2019.



Fonte: A autora (2019).

No dia 26 de novembro de 2019 a turma participou da terceira atividade do projeto. Desta vez, a organização da atividade ficou inteiramente sob a responsabilidade da agente de biblioteca. Para rever o que já haviam aprendido sobre Monteiro Lobato e ampliar ainda mais os conhecimentos sobre o autor, a proposta da visita à sala de leitura Semear Leitores foi a Rotação por Estações. Cinco estações com atividades variadas, duas utilizando dispositivos tecnológicos (*Smart TV* e *e-reader Kindle*), foram organizadas no espaço da Sala de Leitura (interior e exterior, já que a sala possui espaço externo com varanda e bancos para leitura ao ar livre). Os alunos, organizados em pequenos grupos, circularam por todas elas, aproveitando cada atividade por um tempo determinado, avançando em seguida até a próxima estação.

Rotação por Estações é um modelo de Ensino Híbrido (proposta de ensino que mescla o uso de tecnologias digitais com as interações presenciais) na qual os estudantes realizam diferentes atividades em estações.

Os estudantes passam por estações, cumprindo tarefas orientadas pelo professor, sendo desejável que, ao menos uma dessas estações, seja representativa de atividades on-line, as demais tarefas podem ser escritas, leituras, entre outras. Ocorre nesse modelo um rodízio entre as estações, realizado pelos diferentes grupos, que podem estar simultaneamente envolvidos com propostas presenciais e/ou virtuais [...] (GUIMARÃES; JUNQUEIRA, 2020, p.713)

As estações (Figura 5) propostas nessa atividade foram: **ESTAÇÃO 1:** exibição dos vídeos de contação de histórias produzidos pela turma 401; **ESTAÇÃO 2:** leitura dos livros de Monteiro Lobato em um espaço confortável e acolhedor; **ESTAÇÃO 3:** leitura do *e-book O Saci* no *Kindle* (livro digital que permite alguns ajustes para personalizar a experiência do leitor, como tamanho de fonte, busca de palavras em dicionários pré-

instalados e procura de termos na *internet*); ESTAÇÃO 4: Representação em desenho dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo; ESTAÇÃO 5: Montagem do vestido mais bonito do mundo, segundo a descrição do capítulo A costureira das fadas, do livro *Reinações de Narizinho* (LOBATO, 1965), utilizando uma boneca representando a personagem Narizinho, diferentes vestidos e adereços que aparecem no texto (todos previamente confeccionados com E.V.A.). O tempo destinado a cada estação foi de 10 minutos.

Para circular pelas estações, os alunos não fizeram uso apenas das práticas de leitura tradicionais, mas somaram a elas competências/capacidades diferentes, conforme visto em Rojo (2013). Com pluralidade de linguagens, a obra do autor Monteiro Lobato foi apresentada a partir dos multiletramentos (AGUIAR *et al*, 2017). A atividade contemplou a narrativa em formato de vídeo; o livro tradicional; a leitura de *e-book* no *e-reader* e a linguagem visual nas representações em desenho dos personagens e na montagem do vestido na última estação. A participação nas atividades envolveu multiplicidade de práticas de letramento. (ROJO, 2013).

Figura 5- Rotação por estações



Fonte: A autora (2019).

A última visita da turma 401 à biblioteca no ano de 2019 aconteceu no dia 03 de dezembro, ocasião também da última atividade do projeto e da avaliação deste feita pelos participantes. A atividade programada para essa data atende o segundo objetivo específico do projeto, que propõe a pesquisa de ferramentas tecnológicas já disponíveis que enriquecem a oferta da literatura aos alunos. A agente de biblioteca selecionou, entre as obras do acervo da Sala de Leitura, livros da editora Brinque-book que compõe uma coleção chamada Ler e Ouvir (Figura 6). Nos livros desta coleção há um código QR na contra guarda que revela um link para o site *Mixcloud*, em que é possível acessar a versão em áudio da história. Utilizando o *smartphone*, escutaram-se os audiolivros *O Urso*

Esfomeado (BLAND, 2015), O Livro Errado (BLAND, 2014), Três tigres tristes (VILELA; BARBIERI, 2014).

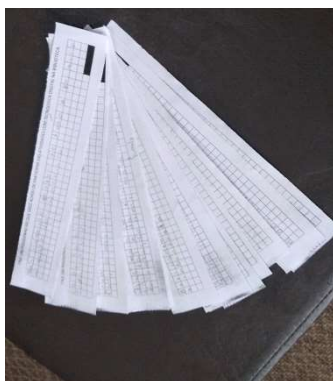
Figura 6- Livros da coleção Ler e Ouvir.



Fonte: A autora (2019).

Após as histórias, conversou-se com o grupo sobre o encerramento do trabalho, agradecendo a todos pela participação. A agente de biblioteca ainda solicitou aos participantes que fizessem uma avaliação do projeto, relatando se haviam gostado de fazer parte dele e quais as atividades que julgaram mais interessantes. As avaliações foram manuscritas (Figura 7), no entanto, tinham o espaço limitado de 140 caracteres, tamanho original de um *tweet*, pois foram posteriormente publicadas em um perfil no Twitter criado especialmente para esse trabalho.

Figura 7- Avaliações feitas pelos participantes da pesquisa.



Fonte: A autora (2019).

No decorrer da pesquisa-ação, os alunos desenvolveram as atividades com muita dedicação e empenho. Em nenhum momento se negaram a desenvolver alguma das propostas ou demonstraram desinteresse durante a aplicação das dinâmicas.

Na avaliação final, em resposta ao enunciado “Fale um pouquinho do que você achou de participar das atividades com tecnologia digital na biblioteca”, mencionaram que participar da pesquisa “Foi muito bom.” (Aluno 17). Todas as avaliações foram positivas: “Eu gosto muito da biblioteca. Eu gostei de todas as atividades.” (Aluno 19). Dentre as atividades, a mais citada pelos alunos como a favorita foi o grupo focal. Nove crianças o

citaram, como o Aluno 11, que menciona “Eu gostei de tudo. Eu amei tudo, principalmente a entrevista. Foi muito legal.”, e o Aluno 10, “Eu achei muito legal. Foi bem interessante. Gostei da gente falar dessas coisas.”. Como expressa Silva *et al.* (2009, p.35), “precisamos escutar mais os leitores de carne e osso que temos diante de nós. Não apenas acerca das histórias que leram ou estão lendo, mas a respeito de si mesmos e de sua vida, de seu itinerário como pessoa.”

A segunda atividade que mais teve a preferência dos estudantes foi a rotação por estações: “Eu achei bem legal e divertido porque é uma nova experiência! E a minha [atividade] preferida foi a rotação por estações!” (Aluno 1).

A professora regente da turma, Eliane Bringhenti, e a coordenadora pedagógica da escola, Eliane Hoepers Alves, que acompanhou de perto o projeto, também fizeram suas avaliações. Ponderaram, respectivamente: “A tecnologia está aí para ser explorada. Foram muito interessantes e criativas as atividades.”; “As atividades tecnológicas são atrativas e criativas, deixando as crianças em conexão com as novidades do mundo. Inovação na educação é bárbaro.”.

5 CONCLUSÕES

A partir do que foi observado no decorrer da pesquisa, concluiu-se que aliar a tecnologia digital às atividades da biblioteca escolar é possível e necessário. Para alcançar esse objetivo geral, buscou-se o cumprimento dos seguintes objetivos específicos: analisar as informações coletadas dos estudantes, por meio de grupo focal, e identificar os dispositivos tecnológicos utilizados pelos alunos e com qual finalidade, para assim incluí-los nas atividades da biblioteca. Ao aliá-los às atividades desenvolvidas ali, os gêneros oriundos dos ambientes virtuais com os quais os alunos têm contato passaram a ser contemplados nas práticas de letramento da escola, como visto em Rojo (2008).

Outro objetivo específico atingido foi pesquisar ferramentas tecnológicas disponíveis que enriquecem a oferta da literatura, trazendo a presença de vídeos, e-books, audiolivros, jogos e aplicativos para a biblioteca escolar, possibilitando o acesso de todos à tecnologia. Isso fez crescer o interesse dos alunos pelos livros, pois puderam ter contato com as histórias por meios e formatos diferentes, ampliando sua experiência como leitores (RIBEIRO, 2016).

Para alcançar o último objetivo específico, foram elaboradas atividades com a participação dos estudantes envolvendo a tecnologia digital e a promoção da leitura. Três

atividades foram desenvolvidas: Vídeos de histórias de Monteiro Lobato lidas pelos estudantes, atualmente disponibilizados no Youtube; Jogo de realidade aumentada com curiosidades sobre a boneca Emília; Rotação por Estações com o tema Monteiro Lobato, nas quais os alunos circularam em pequenos grupos realizando atividades variadas, duas delas contemplando o uso de dispositivos tecnológicos (*Smart TV* e *e-reader Kindle*), explorando a obra do autor a partir dos multiletramentos.

Além dos objetivos determinados no início da pesquisa, outros resultados foram alcançados no decorrer dela. Um dos principais foi a articulação da biblioteca com o trabalho docente e com as propostas desenvolvidas na sala de aula, desconstruindo a imagem da biblioteca como um lugar isolado. Esse trabalho evidenciou o papel da biblioteca como um espaço de facilitação e suporte ao que é desenvolvido nos mais diversos espaços da escola. Quanto aos alunos, foram estimulados a trabalhar de maneira colaborativa por meio das leituras em grupo, ensaios e pesquisas. Nesses momentos de ensaio para a produção dos vídeos, também foram apresentadas fontes de informação seguras na internet aos alunos, como dicionários *online*. A participação em eventos, onde os alunos apresentaram trabalhos e mediaram a participação dos visitantes nas propostas, possibilitou-os explorar outros espaços além da biblioteca, levando a literatura para um público mais amplo, além de promover o protagonismo dos estudantes e desenvolver a autonomia.

Assim, conclui-se que na relação da tecnologia digital com a biblioteca, há trocas muito importantes. Enquanto a tecnologia digital multiplica as possibilidades de trabalhos de incentivo a leitura a serem desenvolvidos na biblioteca escolar, esta tem um papel imprescindível como espaço de multiletramentos e formação do leitor. Contemplar linguagens provenientes de espaços virtuais nos trabalhos desenvolvidos na biblioteca contribui para o letramento digital e para a formação de leitores competentes para transitar entre diferentes gêneros e suportes.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. **Emília**: uma biografia não autorizada da marquesa de Rabicó. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

AGUIAR, Niliane Cunha; NEVES, Barbara Coelho; MACHADO, Luana. A biblioteca escolar e o multiletramento na educação básica: contribuições para o desenvolvimento da competência informacional infantil. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 10, n. 1, 2017.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Bibliotecário: um essencial

mediador de leitura. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

BENCKE, Bárbara Daniela de Oliveira Deckert. A tecnologia digital como ferramenta na sensibilização para a leitura no ensino fundamental. *In*. SEMINÁRIO DE PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA, 3., 2019, Gaspar. **Anais eletrônicos[...]** Gaspar: Realize, 2019. p. 249 - 257. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/documents/35973/1831796/Anais+SNCT+2019/20a0b958-573f-4207-a530-715fb7ef74aa?version=1.0>. Acesso em: 26 abr. 2020.

BLAND, Nick. **O livro errado**. São Paulo: Brinque-book, 2014.

BLAND, Nick. **O urso esfomeado**. São Paulo: Brinque-book, 2015.

BORBA, Marcelo de Carvalho; LACERDA, Hannah Dora Garcia. Políticas Públicas e Tecnologias Digitais: Um celular por aluno. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 17, n. 3, p. 490-507, 2015.

BRASIL. Lei n.12.249, de 11 de junho de 2010. Institui o Regime Especial de Aquisição de Computadores para Uso Educacional – RECOMPE. Brasília, 2010. Legislação Federal. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12249.htm. Acesso em: 19 ago. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSCARELLI, Carla Viana (org). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 31 jul. 2019.

FONSECA, Edi. **Interações**: com olhos de ler. São Paulo: Blucher, 2012.

FONSÊCA, Nilmar Silva Da; NICÁCIO, Eliane da Silva; CAVANCANTE, Ivan Ferreira; DUARTE, Madileine de Oliveira. Biblioteca escolar: espaço de pesquisa e produção de material didático com a utilização de HQs e narrativas digitais. **CIET: EnPED**, 2018.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: LiberLivros Editora, 2012.

GOMES, Suzana dos Santos. Infância e Tecnologias. *In*: COSCARELLI, Carla Viana (org). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GUIMARÃES, Débora Sudatti; JUNQUEIRA, Sonia Maria da Silva. Rotação por estações no trabalho com equações do 2º grau: uma experiência na perspectiva do ensino híbrido. **Educação Matemática Pesquisa : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, [S.l.], v. 22, n. 1, jan. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/42253>. Acesso em: 21 mar. 2020. doi:<https://doi.org/10.23925/1983-3156.2020v22i1p708-730>.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Globo Livros, 2010.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. São Paulo: Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1965.

MAIA, Dennys Leite; BARRETO, Marcília Chagas. Tecnologias digitais na educação: uma análise das políticas públicas brasileiras. **Educação, Formação & Tecnologias**, v.5, n.1, p.47-61, 2012. Disponível em: <http://eft.educom.pt>. Acesso em: 18 jul. 2019.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

PEREIRA, Andréa Kluge (org.). **Biblioteca na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

RIBEIRO, Ana Elisa. Leitura, escrita e tecnologia: questões, relações e provocações. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. O letramento escolar e os textos da divulgação científica: a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 8, n. 3, p. 581-612, 2008.

ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, Lílian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SCORSI, Rosalia de Ângelo. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VILELA, Fernando; BARBIERI, Nina. **Três tigres tristes**. São Paulo: Brinque-book, 2014.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

APÊNDICE A – Atividade escrita proposta aos alunos no grupo focal.

NO COMPUTADOR OU NOTEBOOK...



...EU ACESSO:

NO CELULAR...



...EU ACESSO:

NO VÍDEO GAME...



...EU JOGO:

NO TABLET...



...EU ACESSO:

NA SMART TV...



...EU ASSISTO: